

POPPE, Joana. **Autobiografias: modos híbridos de si**. Rio de Janeiro: UNIRIO. Dramaturga. Núcleo de Memória Política na América Latina - UNIRIO.

RESUMO

Este artigo apresenta a perspectiva teórica sobre as dinâmicas e tensões das narrativas sobre si. A refletir, linguagem, metáforas e recursos humorísticos, entre outras ferramentas, falar sobre si é resguardar a dimensão enunciativa do discurso. A partir de diversos modos de falar sobre si, há uma constante tensão e mobilização de forças de afetos híbridos. A criação de imagem e discurso aparecem em cadernos autobiográficos, como o estudo de caso da autora modernista Patrícia Galvão (1910-1962) conhecida como Pagu, a partir da sua escrita "carta-depoimento".

PALAVRAS-CHAVE: Pagu. Autobiografia. Escrita de si. Modernismo

ABSTRACT

This article presents a theoretical references on the dynamics and tensions of the personal narratives. To reflect, language, metaphors, humorous resources among other tools, to self written is to preserve the enunciative potencial of the discourse. From the differents ways of self written to generate a tension of strong moviments to hybrids affects. Focuses on creation of image and personal narratives appears in the modernist author Patrícia Galvão (1910-1962), know as Pagu with the aim from her self written in "letter testimony".

KEYWORDS: Pagu. Autobiography. Self-written. Modernism

Este trabalho busca produzir uma leitura acerca das narrativas textuais autobiográficas, entendendo tais narrativas como dinâmicas de tensão e fluidez em modos híbridos de escrita sobre si. A partir do uso de figuras de linguagens, cartas, relatos e experiências, esse trabalho tensiona compreender a dimensão enunciativa de tal prática, considerando os modos de falar sobre si uma prática de mobilização entre tensões e afetos.

Para tal, será realizado um estudo de caso, tendo como objeto a autora modernista Patrícia Galvão (1910-1962), conhecida como Pagu, e a

publicação "Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão"¹, publicada em 2005 pela editora Agir (Rio de Janeiro). Esta publicação marca o uso de determinadas nomenclaturas características da obra de Pagu, entre elas: "relatório", "carta-depoimento" e "romance"².

Em relação ao exercício da escrita de si, Gomes (2004) destaca que ela é "uma trajetória individual e tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão" (GOMES, 2004, p. 13). Gomes, além de destacar a capacidade exponencial de resiliência de um indivíduo perante determinados eventos ocorridos ao longo de sua trajetória, também considera a visão fragmentada como registro de um processo de subjetivação. Ao longo da história, a construção desse eu-sujeito perpassa inúmeros acidentes que tornam falha a construção de um herói ideal, ou uma voz ativa a todo tempo.

O interesse pelo sujeito passa a ser muito mais forte no contexto contemporâneo atual, e tem reflexo muito maior na relação com o capital. Isso se deve especialmente às novas relações de força no ambiente de trabalho e, recentemente, à questão da representatividade enquanto pauta de gênero. Numa mecânica imediata, estamos condicionados ao reconhecimento histórico do levantamento bibliográfico de grandes intelectuais, reforçado por referências e verdades históricas. Entretanto, o cenário não é o mesmo quando consideramos as narrativas ditas "marginais", que não são produto dos ditos "grandes" homens.

Parte do processo da escrita autobiográfica se relaciona com o discurso da representatividade, o que abre perspectiva para narrativas múltiplas. A escrita de si incorpora tanto o "efeito de verdade"³ na construção de um sujeito indivíduo, quanto o campo amplificado das narrativas históricas.

Em relação à obra de Pagu, A artista nos traz o ambiente modernista brasileiro, fazendo referência às narrativas dos grandes mitos nos salões de intelectuais. Como uma mulher que pouco se reconhece nos seus pares, faz

¹ GALVÃO, Patrícia. Paixão Pagu: A autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

² (GALVÃO, 2005, p. 15)

³ GOMES, 2004, p.14

reflexões e reelaborações sobre o seu encontro com a política, sua vida pessoal, a relação com Oswald de Andrade e os companheiros do partido.

Além de já estabelecer questões de gênero dentro dos lugares onde frequentava, os escritos de seu diário ultrapassam uma construção que apenas relata eventos. Patrícia Galvão transborda em uma narrativa de múltiplas perspectivas, como a própria afirma no trecho:

Não é meu intento descrever minuciosamente os detalhes e os aspectos da Conferência. Não estou escrevendo autobiografia para ser publicada ou aproveitada. Isto é para você ter um pouco mais de mim mesma, das sensações e emoções que experimentei." (GALVÃO, 2005, p. 99-100)

Como podemos perceber, a autora estabelece uma relação sensível com os afetos, que a atravessavam e constituíam sua percepção sobre a vida. Pagu desenvolve em um pequeno parágrafo a introdução sobre a forma quase ingênua de percepção sobre os homens.

Escrever já é um desvio favorável ao esconderijo. No fundo, eu penso na defesa dos detalhes, porque sei que os detalhes justificarão em parte minha maneira de ser. Ou não. A minúncia será o castigo de minha covardia. Minha humilhação está na minúncia. Por que dar tanta importância à minha vida? Mas, meu amor: eu a ponho em suas mãos. É só o que tenho intocado e puro. (GALVÃO, 2005, p. 52)

Assim, se torna possível notar como a dimensão desses afetos percorriam lugares sensíveis na representação de Oswald e Raul Bopp, bem como as dimensões deste campo sensível com seu "Geraldo"⁴.

O ano de 1928 foi marcado pelas visitas de Pagu às reuniões de Tarsila do Amaral⁵ e Oswald de Andrade, o que rendeu a sua primeira colaboração na Revista da Antropofagia, com um desenho⁶. Dentro de sua autobiografia, Pagu menciona Oswald de Andrade em longos relatos. Muitos

⁴ Pagu inicia o diário-carta com o vocativo "Meu Geraldo" (GALVÃO, 2005, p. 51)

⁵ (Capivari, 1 de setembro de 1886 – São Paulo, 17 de janeiro de 1973) Artista plástica, pintora e desenhista brasileira. A artista se juntou ao Grupo dos Cinco em 1922 em São Paulo, com Anita Malfatti (1889-1964), Mário de Andrade (1893-1945), Menotti del Picchia (1892-1988) e Oswald de Andrade (1890-1954). Viaja para estudar em Paris em 1925 com outros artistas como André Lhote (1885-1962), Albert Gleizes (1881-1953) e Fernand Léger (1881-1955). Posteriormente, em 1928, pinta a tela que inspira o movimento antropofágico: Abaporu. O movimento foi desenvolvido em conjunto com Oswald de Andrade e Raul Bopp (1898-1984). Em 1933 a artista viaja à União Soviética e, movida por questões sociais, começa a partilhar temas relacionados às questões do operariado, desenvolvendo obras como Operários e 2 Classe.

⁶ Revista da Antropofagia (1928) número 2 da 2ª 'dentição'.

dizem respeito à relação conjugal entre eles e o filho que tiveram juntos. O relacionamento entre Oswald de Andrade e Pagu, não tinha uma dinâmica muito clara. Segundo a autora, ela "aceitava tudo"⁷ dentro da relação com Oswald, o que a fez mudar e reelaborar diversas vezes a sua postura diante dele. Pagu chega a definir Oswald de Andrade como:

Uma liberdade maior de movimentos e mais nada. Ele não me interessou mais que outros intelectuais conhecidos naquela época. Particularmente, eu me sentia mais atraída por Bopp, que possuía mais simplicidade, menos exibicionismo e, principalmente mais sensibilidade." (GALVÃO, 2005, p. 59)

A partir da relação que Pagu estabelece com Oswald de Andrade, os escritos sobre si materializam a identidade que compartilhavam em união. Oswald de Andrade e Pagu tinham uma relação conturbada, que confronta uma visão corrente de Oswald como um mito intelectual e gênio intocável. Os tropeços e as diversas formas de violência que Oswald alimenta na relação com Pagu, apontam para uma figura com a qual é difícil estabelecer relações.

Em relação à sua vivência no partido, na tentativa de contrapor as dinâmicas ali presentes e a construção de um sujeito autobiográfico íntimo, Pagu destaca:

A concepção materialista adquirida, cheia de lugares-comuns, chapas, conceitos, falsas interpretações – nunca tivera ou pensara em outra concepção do mundo –, criou em mim resoluções novas. Grande confusão de materialismo com mecânica. Eu não devia estar de acordo com minhas concepções. Mulher materialista. Mulher de ferro com zonas erógenas e aparelho digestivo. O circulatório não tinha importância, porque trabalhava automaticamente. Não precisava pensar nele, a não ser para descobrir isoladores e lubrificantes amortecedores. Problemas cerebrais intentavam diminuir a intensidade emotiva. (GALVÃO, 2005, p. 70)

Da concepção simbólica e poética trazida pela autora, surgem algumas problemáticas que saltam dentro e fora da sua intimidade em relação ao partido. A construção linguística de Pagu, atravessada por uma perspectiva poética, elenca substantivos, como "materialista"⁸, repetidos

⁷ GALVÃO, 2005, p. 63.

⁸ O Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922 é definido por um partido formado a partir de ideais de luta de classe e a organização do proletariado a partir das obras de referência

diversas vezes em aforismos soltos. Ao longo do parágrafo transitam também substantivos como "mulher de ferro", que funciona como gancho para as escritas sobre seu corpo.

Exatamente por reconhecer as discussões sobre o tema, o autor que apresenta a introdução da autobiografia de Patrícia Galvão engloba em seu discurso princípios como "fé" e "ilusão", como bem apresenta no título de seu texto. David Jackson, dá à sua introdução o título "A fé e a ilusão: o caminho de paixão e pureza de Patrícia Galvão" na 1ª edição publicada pela Editora Agir (2005). O texto⁹ de David Jackson, menciona que:

"O relatório é a memória que deixou, o primeiro grande texto da sua vida adulta, escrito com a dor da plena consciência de quem fora, de quem aprendera a ser. E, ao escrever a última linha, tinha apenas trinta anos de idade. O seu caminho de paixão e de pureza fora intenso. O seu depoimento atesta às dificuldades mas também à glória de ser Patrícia, mulher inteligente, independente e audaciosa, insubordinada, num Brasil ainda pouco modernista para tão imensa oferta. (JACKSON, 2004, p. 23)

Para estabelecer um nível de compreensão acerca do funcionamento da máquina do corpo, serão consideradas neste trabalho a dialética presente nos escritos autobiográficos e a pesquisa biográfica de arquivos, enquanto memória patrimonial, pelos historiadores. Esta etapa do trabalho será denominada discussão teórica, e trará um arcabouço teórico baseado em autores em consonância com o tema.

Entre as infinitas possibilidades de leitura subjetiva da autobiografia, o caráter performático é chave importante para acessar todo o discurso. Klinger (2008)¹⁰, teórica de literatura e cultura contemporânea, estuda as dinâmicas de narrativas a partir de uma desnaturalização do eu/sujeito. Os múltiplos paradigmas que estão em jogo na construção do sujeito estariam, segundo a autora, em representação ou "autoficção".

de Friedrich Engel e Karl Marx. A autora nesse trecho, todavia faz uma referência aos estudos teóricos materialista histórico de Marx.

⁹ David Jackson, da Yale University (New Haven), 20 de dezembro de 2004. JACKSON, D, 2004 In. Paixão Pagu. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

¹⁰ KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 10, n. 12, 2008.

Os pontos de contato que a autora desenvolve assumem o lugar de "sintomas" contemporâneos, muitas vezes já referenciados dentro de uma formalidade da linguagem. Por exemplo, a figura da mulher como um sujeito agradável, passivo e que procura sorrir. Fazendo paralelo com o estudo de caso, em momentos cotidianos da vida, Pagu também alimenta o processo de elaboração subjetiva e lugares quase performáticos de comportamento, como por exemplo em "deixei-o falar, procurando sorrir"¹¹. Essa seria, então, uma possível visualização de um desempenho favorável, segundo a própria Pagu, dentro de uma artificialidade.

Ainda sobre a figura de Pagu, mesmo na luta pelas causas proletárias, ela fazia questão de frisar pontos nevrálgicos da mulher dentro da luta¹². Entoava, assim, frases negativas em relação à forma como era vista e como a objetificavam dentro de um contexto de criação de partido político, e luta política. Alguns exemplos de afirmação nesse sentido são: "eu não sou uma prostituta"¹³, ou "eu sempre fui vista como um sexo"¹⁴. Tais passagens mostram os diversos incômodos que passava dentro da luta política por ser uma mulher.

Como parte de uma proposta reguladora, a performance de gênero dissimula a existência original de um indivíduo. Encara, então, o lugar de uma performatividade¹⁵ na tentativa de considerar um retorno autoral de Pagu dentro da própria luta política. Torna-se assim um processo de construção histórica sobre si, que complexifica ou evoca a "reaparição do recalçado"¹⁶ na escrita.

Por volta de 1940, a autora é libertada da prisão em que passou 2 anos, detida por ser dita inimiga pública do governo getulista no período do Estado Novo. Ao ser libertada, logo começa a frequentar espaços frequentados por jornalistas e intelectuais, dentre eles Geraldo Ferraz, com

¹¹ (GALVÃO, 2005, p. 63).

¹² Patrícia Galvão estava sob a tutela do CM11, no Partido Comunista do Brasil, sediado na cidade do Rio de Janeiro. O diário da autora engloba uma longa trajetória na CM11. Ao longo de 14 páginas de relato, desdobra-se entre detalhes e comparações com o relacionamento com Oswald de Andrade e outras formas de relacionamentos dentro da própria luta política. O detalhamento e a riqueza da vida íntima de Pagu expressam o caminho subjetivo que desenvolveu nesse período. Galvão, 2005, p. 116-130

¹³ GALVÃO, 2005, p. 126

¹⁴ GALVÃO, 2005, p. 139

¹⁵ Klinger, 2008, p. 19

¹⁶ Klinger, 2008, p. 18

quem se casa. Além disso, a autora inicia uma análise do grande movimento literário brasileiro, o modernismo, e suas figuras intelectuais.

Aquelas assembleias ao que conhecia cercado os intelectuais modernistas do Brasil. As mesmas polemiazinhas chochas, a mesma imposição da Inteligência, as mesmas comédias sexuais, o mesmo prefácio exibicionista para tudo (GALVÃO, p. 72)

E completa:

"Talvez eu não tivesse tido tempo de apreciar o seu valor intelectual. Mas deram-me impressão de revolucionarismo convencional à depravação, que não passava de gente embolorada, cercada por estatutos de um conventículo convencionalmente exótico. (GALVÃO, 2005, p. 73)

A autora destaca igualmente os momentos em que o partido se intrometia¹⁷ na sua vida particular, principalmente na sua relação familiar com o filho Rudá e com Oswald de Andrade. A vida política que a autora iniciou no partido comunista brasileiro a trouxe para o campo teórico dos estudos. O autor Astrogildo Pereira, com suas visitas, foi um grande responsável por incentivar Pagu na leitura de livros e estudo constante. Apesar de estar destacando um recorte político dentro dessa escrita sobre si, a análise empreendida nesse trabalho também pretende atentar-se ao que Pagu, desenvolve enquanto memória subjetiva.

Evidentemente, a relação dela com a política é um fator importante, o que corrobora com a ideia de uma escritura concomitantemente de foro íntimo e político. Tendo em vista um olhar já muito crítico desde cedo, as fronteiras entre seu corpo político e corpo íntimo são muito fluídas. Um marco e evento importante para Pagu foi o momento da descoberta de sua sexualidade, que também demonstra como o entorno influenciava nas escolhas da autora. Um exemplo disso pode ser apreendido na passagem, datada do início de sua infância: "Eu me lembro que me considerava muito boa e todos me achavam ruim. Eu nunca consegui perceber minha perversidade" (GALVÃO, 2005, p. 53).

A partir de todo o exposto, é possível perceber que a máquina produtora de representações sobre si termina também por ser produtora de

¹⁷ GALVÃO, 2005, p. 95.

ficções sobre este si. No caso da autora, suas múltiplas camadas de memória, por mais real que sejam, reforçam tal ficção de si, isto é, a necessidade da narrativa se encaixar em histórias projeções de representatividade.

Sobram então as perguntas: O que significa uma autora, ou artista, dizer-se mulher na virada do século XX, em um cenário de difusão de ideias misóginas, supostamente científicas, por elas mesmas adotadas¹⁸? A busca por ir de encontro ao problema é parte de perceber como há a representação feminina dentro desses cânones?

A discussão teórica a ser estabelecida neste trabalho elencará autores que desenvolvem trabalhos acerca das narrativas íntimas e de projetos múltiplos de criação de história, como Foucault (2004); Klinger (2008), Joviano (2012), Millan (2016), Gomes (2004) e Lejeune (1997) e Prochasson (1997).

A comunicação¹⁹ através de cartas²⁰ durante muito tempo da história foi uma prática comum de grandes intelectuais, assim como a escrita de um caderno de anotações pessoais, como os diários íntimos e de viagens. Com o tempo, a História e a investigação de arquivos e fontes começaram e perceber nesses materiais uma contribuição historiográfica, nas narrativas de eventos relevantes.

Para Gomes, a escrita vista de forma pedagógica ainda é uma escrita do gênero, que é composto em grande parte por um professorado de mulheres²¹. Qual seria, então, o sentido de uma prática pontual ser lida como estudo de gênero? Segundo Gomes, tanto as cartas, como as escritas sobre si, constituem uma capacidade do sujeito de alarga-se²² enquanto sujeito em construção. Esse sujeito alargado está em devir e termina por realizar uma

¹⁸ Assim é, segundo Joviano também parte das questões de linguagem: "Como pode uma mulher produzir uma escrita de si e para si no interior de uma língua cuja gramática manifesta-se preponderantemente masculina?" (JOVIANO, 2012, p. 10)

¹⁹ "O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica portanto uma "introspecção"; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo." (Foucault, 2004, p. 157)

²⁰ "A carta que, como exercício, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como "bem próprio", constitui também, e ao mesmo tempo, uma objetivação da alma. (Foucault, [1983] 2004, p. 156)

²¹ Gomes, 2014, p. 9.

²² Gomes, 2004, p. 11

projeção de si sobre uma imagem política e íntima. Tal imagem tanto é concomitante que Gomes diz que:

Seu valor, especialmente como documento histórico, é identificado justamente nessas características, e também em uma qualidade decorrente de uma nova concepção de verdade, própria as sociedades individualistas. Sociedades que separaram o espaço público do privado, a vida laica da religiosa, mas que, em todos os casos, afirmaram o triunfo do indivíduo como um sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos. (GOMES, 2004, p. 13)

A compreensão dos elementos que compõem a intertextualidade das narrativas de si é relevante para uma análise do todo do texto. A definição de uma autoficção, por outro lado, desperta um lugar pouco voltado para si e mais voltado ao palco. Segundo Klinger, "a dramatização supõe a construção simultânea de ambos, autor e narrador"²³, o que de certa forma se contrapõe à noção de individualismo.

De ambas as formas, é necessário observar a dinâmica fluida do texto de Pagu, como múltiplas fontes de produção de linguagem. De fato, essa leitura pouco nos ajuda a entender de qual espectro e camada o historiador lerá a fonte. Por isso, discorrer sobre os significados e significantes do relatos de Pagu na primeira parte da investigação impõe limites mais desenhados no caráter híbrido do texto.

Num caminho menos tortuoso sobre escritas de si, a historiadora Joviano, no livro *Paixão Pagu: Autobiografia e Antropofagia* (2012) propõe uma distinta compreensão desta linguagem. Para a autora, a busca pela leitura está na experiência da textualidade autobiográfica, isto é, nas marcas textuais. Joviano evoca autores que também trazem especificidades confessionais do universo da escrita fragmentada, ou ainda a ideia do devir no sentido de inacabamento da subjetividade.

Entretanto, além de uma escrita de construção de si, segundo a autora existe ainda na escrita de Pagu um esforço cartográfico²⁴. Segundo Joviano:

Por essa trilha, a escrita de si, entendida como mecanismo de um cuidado de si, não é vista como aquela que deixa

²³ Klinger, p. 25

²⁴ JOVIANO, 2012, p. 9

transparecer uma verdade, ou toda a verdade sobre quem escreve, mas como uma textualidade permeada por traços, desvios em que se pode olhar para uma silhueta produzida por marcas, colocadas em movimento por devires no processo de subjetivação de quem escreve. (JOVIANO, 2012, p. 10)

Já segundo Foucault, a leitura da escrita de si é o lugar de uma subjetividade imanente. Para o autor:

" [...] a narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, e nela é possível destacar claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que vão se tornar mais tarde objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação consigo: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações) e as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores); o corpo e os dias." (FOUCAULT, [1983] 2004, p. 157)

No que se refere à memória (com desdobramentos para a história), passam a ser legítimos os procedimentos de construção e guarda de uma memória individual "comum", e não apenas de grupos sociais/nacionais ou dos "grandes" homens (políticos, militares e religiosos, por exemplo,). Os argumentos que sustentam essas novas práticas, derivam tanto da assertiva sociológica de que todo indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um.

Dessa forma, ao estar em contato com a escrita autobiográfica e com os conceitos de construção de uma linguagem híbrida, pretende-se compreender os dispositivos que se abrem nos diários. Nesse sentido, aprofundar as questões da vida pessoal de um sujeito, deixa margem para uma compreensão ampliada desse próprio sujeito. Aberta aos acontecimentos práticos da vida e marcada também por eventos históricos essa é uma escrita que amplia campos de percepção de um autor em diálogo com a contemporaneidade.

Apesar de um exercício autônomo, aqueles que se enveredam pela área caminham em conjunto com uma extensa rede de pesquisadores, historiadores, intelectuais, e mulheres, que produzem e fazem parte dessa imensa cartografia escrita que contribui ainda em outras perspectivas narrativas. No entanto, é sempre preciso ter atenção para a necessidade de

se ter a consciência, não da escrita enquanto um lugar de melindres pessoais, mas sim de uma abertura dinâmica de construção memorial.

Bibliografia

AMARAL, Aracy A. **Tarsila: sua obra e seu tempo**. 3 ed rev. e ampl. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2003.

AMARAL, Tarsila do. **Pintura pau-brasil e antropofagia**. In: Revista Anual do Salão de Maio. São Paulo: n.1, 1939. [Versão digitalizada pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, USP. Disponível em: <http://migre.me/pDW3t>. Acesso em: jul 2019]

ANDRADE, Oswald de. **Variações sobre o matriarcado**. In: A utopia antropofágica, 2 ed. São Paulo: Globo, 2011.

CAMPOS, Augusto de. **Pagu: vida-obra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CAMPOS, Augusto de. **Revistas re-vistas: os antropófagos**. In: SEM AUTOR. Revista de Antropofagia, reedição da revista literária publicada em São Paulo – 1º e 2º "dentições"– 1928-1929. São Paulo: Abril, 1975.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de Si. (1983). Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política**. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2004

GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu: A autobiografia precoce de Patrícia Galvão**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Obras de Patrícia Galvão:

Pagu Vida-obra. Organização do volume, seleção de textos, notas, roteiro biográfico: Augusto de Campos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982 (Centenário de Monteiro Lobato)

Parque Industrial, romance proletário – sob o pseudônimo de Mara Lobo. Edição da autora, São Paulo, 1933. Reeditado em fac-simile, salvo a capa, com a apresentação de Geraldo Galvão Ferraz. Editora Alternativa, São Paulo, 1981.

A famosa revista – romance, de parceria com Geraldo Ferraz. Americ- Edit., Rio de Janeiro, 1945.

Verdade e Liberdade – panfleto político. Edição do Comitê Pró-Candidatura Patrícia Galvão. São Paulo, 1950.

A Famosa Revista (2ª edição). Publicado em conjunto com Doramundo, de Geraldo Ferraz, sob o título geral de Dois Romances. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1959.

O "Album de Pagu" – ou PAGU – Nascimento vida paixão e morte (1929). Publicado nas revistas Código nº 2, Salvador, 1975, e Através nº 2, Duas Cidades, São Paulo, 1978.

JOVIANO, Lúcia Helena da Silva. Paixão Pagu: Autobiografia e Antropofagia. Darandina Revista Eletrônica. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura VI – Disciplina, Cânone: Continuidades e Rupturas. Universidade Federal de Juiz de Fora: 2012. Disponível em <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2012/09/artigo-simp%C3%B3sio-2012.pdf>> . Acesso em 27 dez. 2019.

GIORDANO, Alberto. Notas sobre Diários de Escritores. Revista Alea vol. 19/3. Rio de Janeiro, 2017. Acesso em 25 dez. 2019.

IUMATTI, Paulo Teixeira; NICODEMO, Thiago Lima. Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 38, n. 78, 2018. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472018v38n78-05>>. Acesso em 24 dez. 2019.

LIMA, Luiz Costa. Antropofagia e Controle do imaginário. v. 1. n.1. Revista Brasileira de Literatura Comparada. Abralic. 1991. Acesso em 25 dez. 2019.

MILLAN, Letícia Portella. Escrita de si e diários: construções do gênero diante de paradigmas socioculturais. Self writing and daily: the gender constructins on socio-cultural paradigms. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais – RBHCS. v.8, n 15, p. 154- 172, jul. 2016. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/180693472018v38n78-05> >. Acesso em 26 dez. 2019

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 12, 2008. Disponível em < <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/178>. Acesso em 5 jan. 2020.